

Eu mesma, eu própria

Estimadas irmãs, irmãos, negras e negros de todo o mundo.

Passados mais de 100 anos, é chegada a hora!

Obrigada! Obrigada! Oh, minhas irmãs! Sois muito generosas. Obrigada! Gratidão!

Mas dizia: Passados mais de 100 anos, é chegada a hora de desmascarar a fraude, as inverdades, calúnias e por aí fora, contra mim dirigidas. É chegada a hora de revelar a cilada contra mim movida durante o que quase foi uma eternidade. Mas, de 2024 para a frente, não passarão!

Eu, Andresa do Nascimento de Pina, Eu, Andresa de Pina do Nascimento, eu própria, eu mesma, eu aqui representada por mim, morta, mas hoje aqui sem procuração, nem delegação, eu, Fernanda do Vale, eu só, somente eu, eu encontro-me aqui para esclarecer de uma vez por todas que não, não, não, minhas irmãs e meus irmãos, o livro «A Preta Fernanda: Recordações de uma Colonial» não foi escrito por mim.

Minhas irmãs e meus irmãos, é uma infâmia! É inadmissível! É mentira! É mentira! Uma vergonha! Uma trapaça montada pelos abjetos Alberto Totta e o Machado, dois falsos amigos que se aproveitaram da minha confiança.

Só uma sociedade muito racista e mesquinha poderia acreditar que eu me descreveria assim, como uma mulher que se mija, que funga, que fode com tudo e todos, que abandona os seus filhos... uma tonta...

Esse livro não foi escrito por mim. Esse livro não conta a mulher que eu fui.

Trata-se de um livro pejado de insinuações torpes. Que eu, em Lisboa, teria seduzido um coronel reformado. Que o decrépito militar me havia dado o lugar de modelo para a estátua que se iria erigir em homenagem ao Sá da Bandeira. Que o escultor, no final, me despediu porque eu tinha – vejam só! – joanetes.

O que aconteceu, o que na verdade aconteceu, foi o seguinte:

Foi só saberem que uma mulher negra iria servir de modelo para a representação de uma escrava liberta, que começaram logo...

Não será isso exatamente racismo?

Nem pensar uma coisa assim! Mas... alguém vê cor? Alguém vê cor?

Ah... cor... Alguém vê cor aqui? Sabeis tão bem como eu, não é, minhas irmãs, meus irmãos?

Eu, Fernanda do Vale, eu própria, eu aqui, em representação de mim mesma, morta mas não vencida, eu, venho esclarecer aqui o episódio da tourada. É, minhas irmãs, meus irmãos, a história da tourada. É verdadeira, sim, é real, aconteceu. Mas... contudo, no entanto, todavia, porém, não obstante, há que esclarecer um facto:

Efetivamente, eu transvesti-me de homem, enfrentei o touro e às tantas caí. É verdades, minhas irmãs e meus irmãos, eu não posso negar isso, mas... com coragem, com graça, com amor por aquele animal tão nobre. Nunca acabrunhada e derrotada no chão.

Esse livro é um rol de mentiras, minhas irmãs e meus irmãos.

Então diz que em trinta e quatro anos da minha vida eu teria tido outros tantos casos amorosos com homens numa média de um por ano?

Foram muitos mais! E foram-nos, homens e mulheres de todas as cores. E disso, eu não me envergonho. Eu não tenho vergonha de ter feito com o meu corpo o que eu quis, o que pude e o que me apeteceu.

Eu fui eu.

Hoje, em 2024, passados mais de cem anos, minhas irmãs, meus irmãos, hoje sabeis que nesta cidade de Lisboa existiu entre o final do século XIX e o início do século XX uma mulher negra que deu que falar. Que ousou ser outra coisa que não uma escrava, que ousou ser algo completamente novo: ser a Fernanda do Vale e pagar por isso.

Carolina X

Tenho muitos anos. Estou aqui há muito tempo. Espera... Mas há quanto tempo? Nem sei... já nem sei.

Eu nasci velha. Desde pequenina que já era velha. Mas quando era velha e muito pequenina, meteram-me num barco. O barco era grande, mas era O barco era bem grande, mas nós estávamos numa parte bem pequena.

Lembro-me de um grande, não, não...

É de noite, está a chover muito.

Ah, um som! Um som estranho... Parecem gemidos abafados.

Escondo-me atrás de um dos caixotes de madeira e estico o pescoço para olhar na direção dos gemidos.

Uma rapariga está encostada num barril e um rapaz...

Ela não se mexe. O rosto virado para o mar. Empurra-o. Ele vira-se como se não quisesse encará-la.

Ai. Agora fui longe. Bem longe.

O específico carrega o pescoço, quantos são?

Sei lá! São quase tantos quanto a idade que eu tenho.

Sabe... tenho muitos anos. Quando cheguei a este país passei de um dono para outro dono. E depois, para outro no Brasil. E depois para outro.

E depois estava tão velha que já ninguém me queria. Diziam que já não servia para o trabalho pesado da casa, nem para cuidar das crianças.

E desde então a rua tem sido a minha casa. Mas não me queixo, e nunca peço esmola.

Vendo os meus pinhões, estes pinhões carnudos, a quem passa. Só não quero que me peçam para fazer bolo de pinhão ou doce de pinhão. A minha serventia nunca foi essa. O que eu sei fazer é conhecer pessoas. Conhecer por dentro. Às vezes até lhes vejo as vísceras através da pele sem que elas o notem.

Então, para além de lhes vender os meus deliciosos pinhões, também lhes dou as minhas ervas.

E quando não estou aqui a vender os pinhões, estou para lá, para Campo de Ourique, onde tenho um pedaço de terra que me foi deixada pelo rei. Aquele a quem também tive de dar as minhas ervas para que não morresse.

O nome do rei? Não me lembro. Agora já não me lembro. Bom, não importa, é o que tenho: um pedaço de terra com as minhas ervas e os crucifixos que fui amalhando no pescoço ao longo desta vida, tão comprida.

Sabe, cada crucifixo destes que pende do meu pescoço é uma vida: uma pessoa a quem entreguei as minhas curas. Carrego crucifixos, mas também carrego almas.

As minhas curas às vezes salvam, às vezes matam, mas sempre curam.

Melik

Eu nunca choro.

Os meus olhos nunca deitam água.

Nem agora nem quando cheguei àquela terra de mulheres e homens incivilizados, de vestes apagadas e de cheiro de leite azedado.

A minha terra, sim, deita água, muita água. Na minha terra chove, chove muito, chove durante muito tempo.

As mulheres e os homens incivilizados olham.

Os meus olhos estão secos e a minha boca está fechada.

Os olhos dos incivilizados querem tocar-me. Acham que podem tocar-me.

Olhos que não me reconhecem. Olhos que me examinam à procura de uma cauda, de uma teta extra, um chicote de homem entre as minhas pernas. Olhos espantados que fitam querendo decidir se o meu umbigo está no lugar certo, se os meus joelhos se dobram para trás como as patas dianteiras de um cão.

Uma nesga de água... uma nesga de água... uma nesga de água...

Uma nesga de água... uma nesga de água... uma nesga de água...

O quê?

Querem ver a minha boca? Querem ver se a minha língua é fendida como a de uma serpente. Querem ver se os meus dentes se afilam, pontiagudos, para os devorar.

As palavras que estão na minha boca só podem ser ouvidas por aqueles cujos ouvidos sabem ouvir.

A minha pele lentamente endurece. Endurece tanto que sinto que vou estalar.

A minha boca se escancara e irrompem duas grandes mandíbulas.

O meu corpo, agora fora da sua pele, se alonga e se torna verde. Já tenho três mil dentes.

Por fim, os meus olhos começam a deitar água.

Vês, estás a ver? São as minhas lágrimas.

Talvez!

Estás com medo?

Abocanhar, devorar, regurgitar, ressuscitar.

Síncopes

Ser negro está na moda, a sério?

A questão é que...

E havia uma mulher que estava presente, sem estar presente, que era a Josephine Baker, ou a ideia da bailarina negra global. E antes da abolição, não é, final do século XIX início do século XX, conseguiu estabelecer mesmo a figura da grande artista global.

Eles trabalham. Para além de ser bom ou de ser desejável para eles, ou de existir algum nível de prazer de ver as pessoas negras a sofrer na produção final, nas obras de arte, eles trabalham com isso. Acho que é uma lógica bem capitalista de se pensar, tipo, vamos trabalhar com as ?????? das pessoas.

Mas depois a gente percebe que a gente produz mas que depois muitas vezes não somos nós que beneficiamos.

E ela vem a Portugal só muito mais tarde, mas ela era assim um figuraço. Então ela é dessas contradições que a gente encontra muitas vezes...Tudo nela ainda era mais exacerbado, estás a ver isto a nível global. Toda a gente queria um pedacinho da Josephine Baker.

A questão é como é que nós podemos confiar nessas pessoas ou, pensando de outra forma, ultimamente tenho pensado muito como é que nós podemos criar um espaço em que estejamos independentes de ... não estar tão dependente deles. Mas um espaço em que, se uma irmã está a precisar de alguma coisa estamos aqui. OK. Não vai acontecer, não está a ser protegida, por isto ou por aquilo, estamos aqui para proteger.

Dizer que não a um trabalho, para mim, nas primeiras vezes foram coisas muito custosas para mim. Porque eu sou filha do trabalho. A minha mãe trabalha, tinha não sei quantas jornadas, O meu pai não sei quantas jornadas. E eu cresci assim.

Mas eu sei qual .

Dou o litro hoje como se tivesse vinte anos. Eu tenho que provar hoje. Eu dou tanto, tudo, tudo sempre, como se tivesse que provar tudo do início.

Um assunto, em certos contextos... E eu acho mesmo que, é pá não sei, acho que temos de ser mais pragmáticos. Como é que conseguimos gerar dinheiro.

Vamos jogar a conversa para nós!

Eu quero fazer por outros. Esses outros não vão ser minha descendência direta mas estão aqui e eu posso criar estes espaços porque já tenho outro lugar. Então, para mim, funciona muito isso da retribuição.

Será que eu, por ser angolana, filha de angolanos, posso então e devo aprender kuduro, a dançar kizomba...

Então despede-te! Estás a querer resolver o problema então sai daí. Em vez de me estares a chamar para te dar conselhos.

Sim, eles vão ao continente africano várias vezes, e jogam na cara a dizer que você não conhece as suas origens.

Portanto há um mercado alternativo, não sei esta palavra será a melhor palavra, pois tem a ver com muitas coisas, mas porquê? Porque de alguma forma as nossas armas, eventualmente, não serão as mesmas que as deles. Porque se nós formos a querer usar as armas deles, já perdemos. Não temos possibilidade. A alternativa é usarmos as nossas próprias armas.

Mas eu sei qual foi o meu caminho.